

**Organizador**  
Matheus Trevizam

## **Camena entre Brasil e Portugal**

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2008

**Diretor da Faculdade de Letras**

Jacyntho José Lins Brandão

**Vice-Diretor**

Wander Emediato de Souza

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Apoio na pesquisa bibliográfica e revisão dos poemas escaneados**

Hudson Caldeira Brant Sandy

Priscilla Adriane Ferreira Almeida

**Revisão e normalização**

Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves

**Formatação**

Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves

Anderson Freitas

**Revisão de provas**

Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves

Emanoela Cristina Lima

Josiane Félix

**Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

*e-mail*: vivavozufmg@yahoo.com.br

## **Sumário**

### **Apresentação e critérios da antologia . 7**

Matheus Trevizam

### **Sucinta notícia biobibliográfica contínua dos tradutores lusófonos contemplados nesta antologia . 10**

Matheus Trevizam

### **Antologia traduzida . 22**

### **Omnia opera Latina hic traducta, ordine primae transcriptionis . 50**

### **Referências . 67**



Fonte: <http://img4.photobucket.com/albums/0603/arqueoblogo/Copistaw.jpg>

## Apresentação e critérios da antologia\*

Matheus Trevizam

Aderindo à idéia consagrada do antigo mundo greco-romano como uma das bases operantes no estabelecimento da cultura ocidental,<sup>1</sup> propomos a seguir percorrer um caminho que nos parece de interesse não só para os classicistas, amiúde às voltas com as repercussões daquele longínquo passado sobre a arte e o pensar de outras eras, mas ainda para quem intenta fazer a via inversa, isto é, remontar, à cata de modelos, das letras de expressão portuguesa à Roma de figuras como Horácio, Lucrécio e Virgílio.

Com os riscos e limitações inerentes a toda iniciativa de compilação antológica (eventual “esquecimento” de nomes significativos em razão do próprio silêncio da crítica ou dos círculos editoriais, privilégio de outros por simples motivo de apreço pessoal dos organizadores, necessidade de produzir cortes mais ou menos bruscos, descontextualizando passagens quando se trata de trechos de obras demasiado longas para figurarem integralmente em despreziosas páginas de coletânea...), pautamo-nos, no entanto, por alguns critérios que convém explicar. Em primeiro lugar, assim, privilegiaram-se apenas tradutores dos três séculos imediatamente mais “jovens” que o XVI (e dele próprio!), por acreditarmos que o acesso a iniciativas tradutórias recentes é algo possível com muito maior facilidade ao leitor hodierno: coletâneas e trabalhos acadêmicos de boa difusão nos meios universitários, então, disponibilizam-nos sem a necessidade de pesquisas mais aprofundadas toda a obra do lírico romano Gaio Valério Catulo,<sup>2</sup> variados textos que remontam da lírica

\* Segundo uso do poeta arcaico Lívio Andronico (tradutor da Odisséia homérica para o latim no séc. III a.C.), *Camena* era a correspondente itálica da ‘musa’ (moûsa) grega. Ele chegara, por sinal, a traduzir o primeiro verso do poema épico grego aludido por: *Virum mihi, Camena, insece uersutum* (“Conta-me, ó Camena, do varão astuto”). Cf. GRIMAL. *La littérature latine*, p. 68.

<sup>1</sup> Cf. CURTIUS. *European literature and the Latin middle ages*, 1973.

<sup>2</sup> CATULLE. *O livro de Catulo*, 1996.

grega arcaica à época imperial de Roma,<sup>3</sup> poemas inteiros (ou trechos) aos quais se poderia em alguma medida atribuir o caráter lírico,<sup>4</sup> boa amostra da musa latina em meio a uma galáxia de culturas, épocas e autores distintos...<sup>5</sup>

Além disso, enfocar o trabalho de tradutores mais antigos, por vezes de todo apagados da memória coletiva recente, contribui para imprimir o tom do resgate histórico a estas páginas. Pois, desejamos dar a entender às claras a todos os que as virem, os velhos autores de Roma Antiga foram com freqüência ponto de interesse direto para eruditos inseridos em épocas muito distintas da vida literária em nosso idioma, o que nos permite, mesmo, traçar *século a século* uma contínua linha “sucessória” de escritores dedicados a impor sua marca pessoal, ou as de sua época, à arte dos poetas antigos eleitos como fontes de extração de “espécimes” originais. E, fato notório sobretudo quando se tomam como parâmetros de comparação diferentes tradutores de distintas épocas a verterem para nosso idioma um mesmo poema latino, não há que se esperar por resultados de todo “idênticos” segundo se intercambiem os intérpretes e seu contexto cultural de inserção: entre as traduções horacianas do clássico quinhentista André Falcão de Resende e as de seus congêneres no Século das Luzes, por exemplo, há notória distância expressiva...

Além disso, sem pejo, por vezes, de “repetir” traduções de trechos ou poemas inteiros por obra de tradutores distintos, influenciou a escolha dos textos a cada vez compostos em português a necessidade de prestigiar alguns dos maiores intérpretes dos antigos entre nós (caso de um Manuel Odorico Mendes e de um Antônio Feliciano de Castilho) e de cobrir, como dissemos, o lapso temporal constituído pelos quatro séculos de enfoque desta antologia.

<sup>3</sup> RAMOS (Org.). *Poesia grega e latina*.

<sup>4</sup> NERI; NOVAK (Org.). *Poesia lírica latina*.

<sup>5</sup> PIGNATARI (Org.). *31 poetas, 214 poemas*.

Isso significa, como se fará ver ao longo das páginas de efetivo aparecimento das traduções e de seus pontos de partida no latim, que sua escolha não foi, em absoluto, condicionada pelo prestígio dos autores antigos repercutidos, nem, semelhantemente, pela excelência das obras escritas sob a própria força criadora deles, mas, antes, vinculou-se a fatores atinentes *aos tradutores*. Desse modo, apenas por exemplificar aleatoriamente, em que pese à importância artística de um Sêneca trágico, não havendo disponíveis dele, ao menos segundo pudemos obter, traduções em português anteriores ao século XX,<sup>6</sup> não teríamos como concretizar o impossível, forçando sua entrada numa coletânea com os limites aqui adotados...

Ainda, o que se oferecerá a seguir nas páginas da antologia de poemas traduzidos jamais deveria ser confundido com um exaustivo recorte de *todos* os escritores de língua portuguesa dedicados a esse ofício, nem do universo *inteiro* da obra de cada qual: por um lado, impedir-nos-iam de concretizar o primeiro e o segundo objetivos as limitações das circunstâncias de pesquisa em que trabalhamos (desprovidos do acesso a bibliotecas completamente abrangentes de acervos lusófonos dos séculos mais longínquos); por outro, no tocante apenas ao segundo, o espaço disponível nas linhas deste livreto inviabilizaria sequer veicular por completo muitas das traduções de que retiramos apenas excertos (caso da *Eneida Portuguesa* do seiscentista João Franco Barreto e da *Eneida* do novecentista Barreto Feio), dada sua original extensão, como no épico latino que lhes deu origem, por milhares de versos.

Dentro, então, do espírito de respeitoso reconhecimento aos letrados que lograram haver alguma poesia latina em nosso idioma, procedemos modestamente por amostragem de estilos e, caso nos possa eximir de alguma culpa a confissão, antes de mais nada guiados, na selva de sua obra traduzida, pelos textos aptos a tocar-nos com maior força o espírito.

<sup>6</sup> Cf. SÊNeca. *As Troianas; Medéia*.

## Sucinta notícia biobibliográfica contínua dos tradutores lusófonos contemplados nesta antologia

Matheus Trevizam

Atribuímos ao Renascimento português do século XVI a alvorada da prática de sistemático e capacitado exercício tradutório de autores antigos entre os poetas de nossa língua. De fato, a partir desse despertar cultural difundido das cortes italianas para várias outras nações da Europa, a Antiguidade, embora nunca de todo esquecida no medievo, reafirmou-se sobre sólidas bases e, amiúde retomada rigorosamente com muitos dos pressupostos originais, frutificou em refinadas manifestações nos domínios da Arquitetura, da Engenharia, da Pintura, da Medicina, das Letras...<sup>7</sup>

No âmbito que nos interessa propriamente, ou seja, o da decisiva entrada da herança greco-latina na literatura portuguesa, faz-se, antes de mais nada, necessária a alusão ao épico Luís de Camões, cuja obra-prima (*Os Lusíadas* – 1572), sem ser estrita tradução de texto algum, alude à *Eneida* de Virgílio em certas passagens:

*Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris  
Italiam fato profugus Lauíniaque uenit  
litora, multum ille et terris iactatus et alto  
ui superum saeuae memorem Iunonis ob iram,  
multa quoque et bello passus, dum conderet urbem* 5  
*inferretque deos Latio, genus unde Latinum  
Albanique patres atque altae moenia Romae.*<sup>8</sup>

*As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca dantes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,* 5  
*Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;*<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Cf. SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 174–189.

<sup>8</sup> VIRGÍLIO. *Eneide*, canto I, 1–7.

<sup>9</sup> CAMÕES. *Os Lusíadas*, canto I, 1–8.

Desse modo, para *arma uirumque* ('as armas e o varão' – v. 1) em latim, temos *as armas e os barões* (v. 1) camonianos; para *ab oris Troiae* ('das costas de Tróia' – v. 1), *da ocidental praia Lusitana*, ambas as expressões indicando o ponto de partida respectivamente das frotas de Enéias e de Vasco da Gama; para *Italiam* ('à Itália' – v. 2) e *litora Lauiniaque* ('e às praias lavínias' – v. 2-3), *ainda além da Taprobana* (v. 4), todas as expressões indicando os pontos de chegada das mesmas frotas; para *alto* ('no alto-mar' – v. 3), *mares* (v. 3); para *multa quoque et bello passus* ('tendo ainda suportado muitas coisas também na guerra' – v. 5), *em perigos e guerras esforçados* (v. 5); para *dum conderet urbem/ inferretque deos Latio, genus unde Latinum/ Albanique patres atque altae moenia Romae* ('até que fundasse a Cidade/ e trouxesse os deuses ao Lácio, donde o ramo latino,/ os pais albanos e as muralhas da alta Roma' – v. 5-7), e *entre gente remota edificaram/ Novo Reino, que tanto sublimaram* (v. 7-8), com claras menções ao início de estabelecimento de impérios na Itália, pelo troiano Enéias, ou no Oriente, pelos portugueses.

Mesmo quando as influências literárias de Virgílio não surgem tão proximamente n'Os *Lusíadas* (sob a forma, em termos práticos, de citações textuais como as apontadas), a marca do modelo épico antigo ainda se presentifica nos versos do poema renascentista em pauta sob a forma da anuência ao tema heróico, da adoção do tom grandiloquente, do uso da mitologia, dos intentos de celebrar os valores de um povo...

Para fins de maior rigor, porém, tomamos como primeiro dos efetivos tradutores de poesia latina entre nós o quinhentista André Falcão de Resende, sobre quem, em geral, as notícias biográficas não são muito abundantes:

*André Falcão de Resende (1527-1599), poeta dessa plêiade maneirista, geralmente identificada com o classicismo português, foi o primeiro tradutor português de Horácio, pelo menos o primeiro de que se tem notícia. Não lhe faltavam conexões com figuras centrais do panorama cultural do país em sua época. Resende era sobrinho de Garcia de*

*Resende, primo de André de Resende, ou seu sobrinho, e amigo de Camões. Suas traduções das odes ficaram inéditas até o século XIX e tiveram então acidentadíssima história editorial (a intentada edição coimbrã da produção poética de Resende não foi concluída), e a maioria delas permanece inédita até hoje.*<sup>10</sup>

Ainda, dadas as condições de realização deste trabalho, ele foi o único real tradutor que deparamos para o primeiro século da coleta de textos em nosso idioma, podendo-se talvez dizer que a presença dos autores latinos na literatura portuguesa dos Quinhentos se deu mais como "aura" inspiradora a nortear os gostos e condutas, sem tantos desdobramentos oriundos do imediato diálogo entre traduzidos e tradutores. Por sua vez, se também a herança seiscentista não dispõe de farta diversidade nestas páginas, ao menos conta com uma iniciativa poética de grande fôlego e importância para a história da tradução criativa em nosso idioma: referimo-nos à versão integral da *Eneida* de Virgílio (a supracitada *Eneida Portuguesa*, de 1664) em oitava-rima camonianiana por João Franco Barreto. Este, nascido em Lisboa no ano de 1600 como filho de Bernardo Franco e Maria da Costa Barreto (e ainda vivo em 1674), combateu na expedição metropolitana de 1624 contra os holandeses, conquistadores da cidade da Bahia. De volta a Portugal,

*consagrou-se inteiramente às letras e publicou em 1631 uma fábula mitológica em oitavas intitulada "Cyparisso", que mereceu os elogios a D. Francisco Manuel de Melo. Frequentou o curso de Cânones na Universidade de Coimbra, e acompanhou à França em 1641, na qualidade de secretário, o embaixador Francisco de Melo, cujos filhos lecionara em Coimbra. Em 1642, publicou a história dessa viagem e nesse mesmo ano deu à luz outra obra também inspirada pela sua residência em França, com o seguinte título: "Catálogo dos reis e rainhas de França desde Pharamundo até Luiz XIII". Voltando de França, casou-se com uma senhora da vila de Redondo, dela teve geração e, enviuvando, fez-se sacerdote [...].*<sup>11</sup>

<sup>10</sup> ACHCAR. *Lírica e lugar-comum*, p. 103.

<sup>11</sup> BARRETO (JOÃO FRANCO). In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. v. 4, p. 280.

Entre suas obras, ainda são apontados os seguintes títulos: *Biblioteca portuguesa*; *História dos cardeais portugueses*; *História eclesiástica da cidade de Évora*; *Olhos, suas virtudes e vícios*; *Genealogia dos deuses gentílicos e muitas poesias soltas* (manuscritos); *Ortografia portuguesa* (publicada em 1671); *Discurso apologético sobre a visão do Indo e do Ganges que o grande Luís de Camões representou em o canto IV de "Os Lusíadas" a el-rei D. Manuel* (1639).<sup>12</sup>

A abordagem dos tradutores compreendidos no penúltimo século enfocado por esta antologia, em seguida, reveste-se em grande parte de tinturas neoclássicas e horacianas. Explica-se: do mesmo modo, como vimos ao introduzir a presença de Virgílio por força da *imitatio* camoniana, que as auras do Renascimento influenciaram os rumos do fazer literário em nossa língua durante o século XVI, também o XVIII vê surgirem importantes obras ou iniciativas tradutórias enraizadas nas correntes de pensamento caras à época.<sup>13</sup> Assim, os pressupostos artísticos dominantes no Brasil e em Portugal sobretudo a partir do terceiro quartel dos Setecentos e agrupados sob o "rótulo" genérico de "Neoclassicismo", por isso se entendendo o conjunto das diretrizes constantes de certas obras preceituais aos escritores, a vida intelectual nas várias Academias literárias surgidas na Colônia e na Metrópole e os próprios textos compostos sob a égide das novas concepções em voga identificavam-se com a rejeição à estética barroca, propugnando por formas de expressão mais "natural":

<sup>12</sup> Cf. BARRETO (JOÃO FRANCO). In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. v. 4, p. 280.

<sup>13</sup> Cf. MARTINS. *História da inteligência brasileira*, 3. ed., v. 1, p. 508: "Ora, ser discípulo de Boileau era a maneira arcádica de ser discípulo de Horácio (como, para o próprio Boileau, ser discípulo de Horácio era a maneira de ser "clássico"). No século XVIII, observa C. Maddison, mesmo as odes pindáricas eram escritas pelo modelo de Horácio. No caso particular da literatura em língua portuguesa, a Arcádia revigorou o predomínio dos mestres clássicos e de suas idéias: "Cândido Lusitano traduz a 'Arte poética'. Outro tanto faz a Marquesa de Alorna, que aliás imitava já diversas outras composições do venusino. Também José Anastácio da Cunha, Antônio Ribeiro dos Santos, Filinto Elísio, Cruz e Silva, Gonzaga, contam entre os melhores dos muitos horacianos que o século XVIII conheceu em Portugal".

*Entre os escritos antigongóricos que abrem caminho ao Neoclassicismo, salienta-se o "Serão político, abuso emendado" (publ. em 1704, mas escrito antes de 1695) de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740); aí põe o autor a nu as mazelas da poesia do tempo: o desregramento da metáfora, o exagero da hipérbole, as antíteses absurdas, o abuso dos equívocos e da mitologia, a monótona repetição dos mesmos artifícios e o estilo difuso – para concluir que no Parnaso reinava "uma mentira bem galeada e uma gala mentirosa". Mais tarde, um crítico de prestigiosa influência, José Xavier Valadares e Sousa ("Sincero Jerabicense", que adotou também o pseudônimo de Diogo Novais Pacheco) insiste na importância que tem para a Arte o princípio da verossimilhança, no que denota clara assimilação dos valores do classicismo francês ("Rien n'est plus beau que le vrai" – Boileau), e chega ao ponto de defender o cientificismo naturalista em poesia (in "Exame crítico duma silva poética", 1739).<sup>14</sup>*

Tido por importante codificador neoclássico em Portugal, o oratoriano Francisco José Freire (que adotara o pseudônimo de "Cândido Lusitano" – 1719-1773) foi o responsável, além de pela composição de uma Arte Poética dividida em três livros respectivamente "dedicados a questões gerais de estética literária, questões respeitantes aos gêneros teatrais clássicos e questões referentes aos gêneros épico e lírico",<sup>15</sup> por traduzir a *Epístola aos Pisões*, de Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.). Como sabemos, essa carta, escrita em versos hexâmetros pelo lírico latino, tivera por destinatários os Pisões, pai e filhos com pretensões literárias, e, enfeixando com humor um conjunto de avisos concernentes às várias partes da composição,<sup>16</sup> amiúde desfrutou de grande influência como amostra do pensamento antigo sobre a arte da poesia.

Ora, parece sintomático que, num momento de retomada de modelos "puramente" extraídos da Antigüidade como o foi o século XVIII nas letras portuguesas, Cândido Lusitano tenha-se de imediato remetido à figura de Horácio não só como uma das fontes inspiradoras de sua Arte Poética,

<sup>14</sup> COELHO; AMORA; CAL (Org.). *Dicionário de literatura: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura galega, estilística literária*, v. 2, p. 708.

<sup>15</sup> SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 659.

<sup>16</sup> Cf. GRIMAL. *La littérature latine*, p. 315.

mas ainda ao propor tradução daquele texto tido por verdadeira pedra de toque da preceituação compositiva greco-latina.<sup>17</sup> Trata-se, no final das contas, de atualizar o mestre venusino em importantes princípios como a busca da serena harmonia ao escrever (rechaçados todos os “excessos” e “estranhezas” do barroco preterido) e, assim, de favorecer-lhe o retorno artístico e preceitual aos olhos dos letrados de seu tempo.

Às suas maneiras, também são horacianos e neoclássicos os setecentistas portugueses Antônio Ribeiro dos Santos (“Elpino Duriense” – 1745–1818),<sup>18</sup> Francisco Manuel do Nascimento (“Filinto Elísio” – 1734–1819), José Agostinho de Macedo (1761–1831) e Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre (Marquesa de Alorna – 1750–1839).

Sobre o lisboeta Francisco Manuel do Nascimento, sabe-se que, de origem humilde, contou com um protetor (certo mestre das fragatas reais) a favorecer-lhe o preparo para a vida eclesiástica: em 1755, por ocasião do grande terremoto em Lisboa, já era “clérigo de missa”.<sup>19</sup>

Manifestando, com os estudos favorecidos por sua condição de clérigo, profunda admiração pela obra de Horácio, veio, de fato, a tornar-se um dos melhores intérpretes desse lírico antigo no século XVIII português.<sup>20</sup> Também comprova seu gosto pelas letras o fato de ter-se ele tornado o cabeça de uma agremiação de poetas, dedicada à discussão erudita dos autores do passado; nesse tempo, curiosamente, era designado pelo pseudônimo árcade de “Niceno”. Francisco

<sup>17</sup> Cf. *supra* nota 13.

<sup>18</sup> Dá notícia dele Francisco Achcar (*Lírica e lugar-comum*, p. 113): “Seu autor, sob o nome arcádico de Elpino Duriense, era, informa-nos Menéndez y Pelayo, ‘o erudito e laboriosíssimo bibliotecário Antônio Ribeiro dos Santos – 1745–1818 –, cujas obras inéditas chegam ao portentoso número de 150 volumes em 4<sup>o</sup>.”

<sup>19</sup> TAVARES. Prefácio. In: ELÍSIO. *Poesias*, p. 9.

<sup>20</sup> Cf. ACHCAR. *Lírica e lugar-comum*, p. 109: “A lição de austeridade e precisão de Filinto Elísio frutificou em alguns tradutores. [...] Antes dele, em Portugal, um tradutor das odes do poeta romano merece lugar de destaque nessa constelação neoclássica – Elpino Duriense. Mas a maioria dos horacianos setecentistas adaptou o poeta aos padrões do gosto médio da época.”

Manuel do Nascimento viria ainda a se tornar mestre de língua latina de D. Leonor de Almeida (a futura Marquesa de Alorna) no convento de Chelas, onde ela se tinha recolhido por ordem régia após a catastrófica acusação de lesa-majestade contra seu pai. Da aluna recebeu, enfim, o pseudônimo de “Filinto”, que não mais deixaria.<sup>21</sup>

Envolvido em processo inquisitorial com ordem de prisão para o ano de 1778, fugiu para Le Havre a bordo de um navio sueco, logo se estabelecendo em Paris e em Haia, na Holanda. De volta à França após o fim da fase do Terror que se sucedera à Revolução de 1789, faleceu em sua capital a 25 de fevereiro de 1819.<sup>22</sup>

Assíduo tradutor, verteu em português obras de outros autores antigos (Sílio Itálico, Tibulo, Lucrecio...) ou modernos (Racine, Chateaubriand, Voltaire, D’Alembert...), além das odes de Horácio.<sup>23</sup>

A antiga discípula de “Filinto Elísio” viria, com os anos, a tornar-se sensível voz dos Setecentos em Portugal; nascida no outono de 1750, teve apenas de esperar até 1758 para ver eclodir sobre sua família a prisão do pai, 2<sup>o</sup> Marquês de Alorna e 4<sup>o</sup> Conde de Assumar, a quem imputavam o crime de ter emprestado uma espingarda a um dos conjurados contra D. José I.<sup>24</sup> Resguardada, então, até os vinte e sete anos no convento supracitado, adquiriu ali refinada educação literária portuguesa, francesa e latina sob influência dos mestres e de seu próprio e inquieto espírito; casada com o austríaco Conde de Oyenhausen em 1779, viveu no Porto, em Viena, em Londres e em Lisboa até sua morte, aos oitenta e nove anos.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Cf. TAVARES. Prefácio. In: ELÍSIO, *Poesias*, p. 10–12.

<sup>22</sup> Cf. TAVARES. Prefácio. In: ELÍSIO, *op. cit.*, p. 12–16.

<sup>23</sup> Cf. TAVARES. Prefácio. In: ELÍSIO, *op. cit.*, p. 16–17.

<sup>24</sup> Cf. CIDADE. Prefácio. In: ALORNA. *Poesias*, p. 9.

<sup>25</sup> Cf. CIDADE. Prefácio. In: ALORNA. *Poesias*, p. 12–52.



José Agostinho de Macedo, natural de Beja, foi professor da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, membro da Nova Arcádia (onde recebeu a alcunha de “Elmiro Tagídeo”) e, enfim (1793), presbítero secular. Muito conhecido pelo caráter enciclopédico de seus saberes e pelo veio de acerbo polemista,<sup>26</sup> chegou a angariar ódios, na opinião de Fausto Barreto e Carlos de Laet.<sup>27</sup> Ainda segundo esses críticos, o amplo catálogo de suas obras “enche cento e trinta e uma páginas do Dicionário Bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva”,<sup>28</sup> sua tradução das odes horácianas, propriamente, saiu a público em 1806.

Os limiares do século XIX, então, trazem-nos dois tradutores de fama desigual: referimo-nos a Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765–1805) e a Antônio José de Lima Leitão (1787–1856). O primeiro, nascido em Setúbal de pai advogado e mãe de ascendência francesa, levou existência boêmia e aventureira: membro da marinha lusa desde os quatorze anos, embarcou para a Índia (Goa) em 1786, onde viveu saudoso da pátria até a volta, já aos vinte e cinco. Irreverente, após curta passagem pelos salões literários do Conde de Pombeiro, ataca-o enfasiado em sua obra, tendo também José Agostinho de Macedo, que o criticara pelo tom petulante do prólogo à própria tradução dos *Jardins*, de Delille, sido alvo dos desafetos do poeta. Preso em 1797 por demonstrações anti-religiosas e anti-monárquicas em seus textos, conseguiu passar das masmorras inquisitoriais para o mosteiro de São Bento e o convento dos Oratorianos, donde saiu para uma vida pacata.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> ACHCAR, *Lírica e lugar-comum*, p. 110: “A orientação modernizante de sua tradução é defendida por ele mesmo, no prefácio, com a habitual agressividade: ‘como eu não intento dar ao meu nome a desinência em ‘us’, degole-se quem quiser por um Arcaísmo, ou por um Solecismo.’”

<sup>27</sup> Cf. BARRETO; LAET. *Antologia nacional*, p. 500.

<sup>28</sup> BARRETO; LAET, *op. cit.*, p. 500.

<sup>29</sup> Cf. SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 714.

Exímio sonetista, notabilizou-se ainda por traduzir Ovídio, Virgílio, Marcial, Castel, Rosset, Lacroix...<sup>30</sup>

Por sua vez, Lima Leitão, natural de Lagos (Algarve), foi nomeado cirurgião-ajudante do regimento de Infantaria de Faro aos vinte e um anos. Com a invasão francesa em seu país, fez-se cirurgião-chefe do Alto Comando Imperial napoleônico sob Junot e veio aperfeiçoar-se médico em Paris. Em seguida, exercendo seus préstimos científicos em várias partes do mundo lusófono (Moçambique, Rio de Janeiro, Lisboa...), fez-se ainda tradutor de Horácio (*Epistula ad Pisones*), Virgílio, Lucrecio (*De rerum natura*), Boileau, Milton, Racine (*Ifigênia*) e Rousseau,<sup>31</sup> e morreu aos sessenta e nove anos.<sup>32</sup>

O último século abrangido aqui, enfim, apresenta-nos o maranhense Manuel Odorico Mendes (1799–1864), José Vitorino Barreto Feio (1782–1850), Antônio Feliciano de Castilho (1800–1875), D. Antônio Aires de Gouveia (1828–1916)<sup>33</sup> e Antônio de Souza Silva Costa Lobo (1840–1913).

O primeiro, nascido em São Luís do Maranhão a 24 de janeiro, recebeu esmerada educação letrada e científica (Grego, Medicina e História Natural por Coimbra), quer no Brasil, quer na Europa. Com a morte do pai na província e as dificuldades materiais decorrentes, tornou à pátria para

<sup>30</sup> Cf. SARAIVA; LOPES, *op. cit.*, p. 717.

<sup>31</sup> MARTINS. *História da inteligência brasileira*, v. 2, p. 62: “Tanto o teatro quanto a música passam por transformações profundas, no gosto e na utilização que deles se fazia, entre o reinado de D. João VI e de Pedro I; até a Independência, os valores estéticos do Neoclassicismo parecem ainda geralmente aceitos, nas artes e na literatura, se pensarmos, por exemplo, que, em 1816, José Bonifácio (que, de resto, arcádico se conservou até ao fim da vida) saía dos seus cuidados científicos para traduzir do grego o idílio ‘A Primavera’ (na Imprensa Régia de Lisboa) e que Antônio José de Lima Leitão traduzia e publicava pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro as cantatas de João Batista Rousseau (1670–1741), reunidas em volume pela primeira vez em 1723 e cuja enorme popularidade diz alguma coisa sobre os gostos poéticos desse ‘século sem poesia.’”

<sup>32</sup> Cf. brevíssima notícia biográfica oferecida por Teotônio Simões (2006), disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html>>.

<sup>33</sup> Dá notícia dele o verbete “Aires de Gouveia” (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. v. 1, p. 684): “Lente da Universidade de Coimbra, político, bispo do Algarve e de Betesaida, arcebispo de Calcedônia, n. no Porto em 13 de setembro de 1828. [...] Espírito vivíssimo, sempre de feito crítico de observador, tornara-se vulto originalíssimo, destacante e respeitada figura política e literária.” Luís de Souza Rebelo (*A tradição clássica na literatura portuguesa*, p. 193) dá-o ainda como o tradutor de vários poemas latinos sob o pseudônimo de “Curioso Obscuro” (Cf. GOUVEIA. *As elegias e os carmes de Tibulo e algumas elegias de Propércio e carmes fugitivos de Catulo*).

engajar-se na imprensa e nas lutas políticas que agitavam o Império do início do século XIX. Desse modo, foi deputado pelos estados do Maranhão e Minas Gerais, e colaborou com artigos combativos de interesses internacionais e do governo central para os diários políticos *Farol paulistano*, *Astréia*, *Sete de abril*, *Aurora*...<sup>34</sup>

Paralelamente, o poeta, que não se sentia capaz de intentar obra de cunho de todo próprio,<sup>35</sup> iniciava a carreira de tradutor em que se distinguiria como poucos na história da cultura lusófona. Assim, datam de 1854 e 1858 as saídas, em Paris, da primeira e da segunda edição da *Eneida Brasileira* por Odorico, no último caso somando-se ainda a restante obra do vate romano (*Bucólicas* e *Geórgicas*).<sup>36</sup> Vale aqui dizer, como o comprova a própria edição de sua *Ilíada* utilizada para o fornecimento desta nota biográfica sumária, que o maranhense foi tão versado nas letras helênicas quanto nas latinas, tendo traduzido com consumada arte, além de todo o Virgílio, também os dois poemas homéricos (em que, é óbvio, deve-se incluir a *Odisséia*). A aventura tradutória helênica de Odorico, por sinal, foi corajosa iniciativa de maturidade, quando já quase adentrava a sexta década de vida...<sup>37</sup>

Mudando-se do Rio de Janeiro para Paris com a família (1847), viveu modestamente na capital francesa até sua morte repentina a bordo de um trem que seguia para Londres, na volta de um encontro social entre gente da alta sociedade inglesa e amigos brasileiros.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> Cf. biografia de Odorico Mendes por João Francisco Lisboa em: MENDES. *Ilíada de Homero*, p. 9–21.

<sup>35</sup> Cf. biografia de Odorico Mendes por João Francisco Lisboa: "Entretanto Odorico Mendes, em sua modéstia, nunca fez grande cabedal dessas composições originais; e daí sem dúvida resultou o pouco cuidado a que se deve o andarem dispersas, ignoradas ou perdidas. 'Não possuindo (escreveu ele mesmo no prólogo da primeira edição da sua 'Eneida') o engenho indispensável para empreender uma obra original ao menos de segunda ordem, persuadi-me todavia de que o estudo da língua e a freqüente lição da poesia me habilitavam para verter em português a epopéia mais do meu gosto..." MENDES, *op. cit.*, p. 23.

<sup>36</sup> Cf. biografia de Odorico Mendes por João Francisco Lisboa em: MENDES, *op. cit.*, p. 23–24.

<sup>37</sup> Cf. biografia de Odorico Mendes por João Francisco Lisboa em: MENDES. *op. cit.*, p. 31.

<sup>38</sup> Cf. biografia de Odorico Mendes por João Francisco Lisboa em: MENDES, *Ilíada de Homero*, p. 33–36.

Relaciona-se com Odorico Mendes pelos laços de simpatia e apreço literário do maranhense<sup>39</sup> o escritor e tradutor português José Vitorino Barreto Feio. De início destinado pela família à vida monástica, desistiu dela para tornar-se sucessivamente membro da Brigada Real da Marinha, deputado pelo Alentejo (1827) e inspetor dos voluntários do Porto (1828). Descontente com os rumos políticos e militares da pátria, vemo-lo já em 1829 recolhido ao Brasil, onde haveria de encontrar reconhecimento e amizades. Entre suas obras tradutórias, contam-se o Salústio em português (1825), o primeiro livro da *História romana* de Tito Lívio (1829), a *Eneida* de Virgílio (1845) e o drama *Temístocles*, de Metastásio (1818).<sup>40</sup>

Ao deparar o Visconde Antônio Feliciano de Castilho, por sua vez, de fato encontramos um incansável trabalhador intelectual dos Oitocentos em Portugal: polígrafo (poeta, prosador, historiador, crítico...), não deixou de se dedicar com paixão a traduzir (sobretudo os clássicos latinos, com quem manteve amistosos contatos desde a infância), apesar de vitimado pela cegueira já aos seis anos de idade.<sup>41</sup> Foi poeta de gosto romântico (*A noite do castelo* e *Os ciúmes do bardo*), tendo vivido o suficiente para envolver-se na polêmica "Questão Coimbrã" – 1864–1865 – contra os defensores do Realismo na literatura pátria. Como tradutor, propriamente, destaca-se pela versão portuguesa das *Metamorfoses*, dos *Amores* e da *Arte de amar* de Ovídio, das *Geórgicas* de

<sup>39</sup> Cf. comentário de Paulo Sérgio de Vasconcellos a Barreto Feio e à sua tradução da *Eneida*: "Uma comparação sumária com a tradução de Odorico Mendes, que foi amigo de Barreto Feio, é reveladora: tanto Barreto quanto seu continuador Costa e Silva propugnam pela concisão, mas não conseguem atingir a síntese de Odorico, feita por vezes, é verdade, à custa da eliminação de epítetos ou outras expressões consideradas redundantes ou não essenciais. [...] Além disso, por vezes Odorico elogia Barreto enfaticamente, como quando assinala que, em português, só ele verteu adequadamente certa expressão do original, ainda que de forma prolixa: 'Em português verteu bem só Barreto Feio, posto que com sobejas palavras.'" Em: VIRGÍLIO. *Eneida*, p. 18 e 20.

<sup>40</sup> Cf. BARRETO FEIO (JOSÉ VITORINO). In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. v. 4, p. 286.

<sup>41</sup> Cf. BARRETO; LAET. *Antologia nacional*, p. 501.

Virgílio, da lírica anacreôntica, de várias comédias de Molière e do *Fausto*, de Goethe.<sup>42</sup>

Por último, chega-se ao escritor luso Antônio de Sousa Silva Costa Lobo (1840–1913), contemplado nestas páginas de antologia com sua tradução do satírico romano Juvenal (aproximadamente 45–129 d.C.):

*Costa Lobo [...], que com sua versão de Juvenal se inscreve na longa lista de adaptadores de espécies greco-latinas do português, e que cultivou o teatro histórico, dentro de um ambicioso projeto tão só parcialmente executado com "Afonso de Albuquerque" (1868) e "Portugal Sebastianista" (1909), é o autor de uma obra ainda hoje, no seu gênero compósito, única entre nós, a "História da sociedade em Portugal no século XV" (1904). Esta obra, de que apenas se publicou um volume, estuda os vários ingredientes econômicos, sociais e políticos do nosso século XV, – a população, o estado geral do país, a moeda, os pesos e medidas, os haveres individuais, etc.*<sup>43</sup>

Eis-nos, assim, ao final deste curto percurso biobibliográfico, que não deixa de dever algo à aleatoriedade. Se, porém, tivermos dado coordenadas minimamente orientadoras sobre o panorama do exercício tradutório do latim entre alguns velhos poetas de nossa língua, consideramo-nos agora mais desobrigados da modesta tarefa a que nos tínhamos destinado.\*

<sup>42</sup> Cf. BARRETO; LAET. *Antologia nacional*, p. 501.

<sup>43</sup> Cf. COELHO; AMORA; CAL (Org.). *Dicionário de literatura: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura galega, estilística literária*, v. 1, p. 570–571.

\* Agradeço aos professores Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL-UNICAMP) e João Angelo Oliva Neto (FFLCH-USP), pela cessão de material bibliográfico, e aos alunos Priscilla Adriane Ferreira Almeida e Hudson Caldeira Brant Sandy pelo interesse e pronta iniciativa de colaborar com este projeto didático.

## Antologia traduzida

**Horácio: ode I 11 por André Falcão de Resende (séc. XVI)**

A LECÓTOE

Não queiras saber quando  
Terão fim, ó Leucótoe, nossas vidas,  
Por números contando  
As babilônias sortes proibidas,  
Quais hão de ser, se curtas, se compridas;

Se o escuro lago Averno  
Havemos de ir passar, se tarde ou cedo,  
Se neste hórrido inverno,  
Que quebra o mar no duro e alto rochedo,  
E seu rigor nos põe espanto e medo.

Será melhor aviso  
O são vinho gastar e a vã esperança  
Da vida em festa e riso:  
E pois que a idade e o tempo faz mudança,  
Logra o presente e no porvir não cansa.

**Virgílio: Eneida I 1–33 por João Franco Barreto (séc. XVII)**

*À petição de Juno, desencerra  
Éolo os ventos contra a teucra<sup>44</sup> gente,  
Que, depois de mui larga e dura guerra,  
Chega desbaratada<sup>45</sup> à Líbia ardente.  
Recebe Elisa em sua própria terra  
A Enéias; logo Vênus, diligente,  
Manda, em forma de Ascânio, o seu Cupido  
Tecer enganos à formosa Dido.*

1

As armas e o varão canto, piedoso,  
Que primeiro de Tróia desterrado  
À Itália trouxe o Fado poderoso,  
E às praias de Lavino veio armado;  
Aquele que, no golfo tempestuoso  
E nas terras, foi muito contrastado,<sup>46</sup>  
Por violência dos Deuses e excessiva  
Lembrada ira de Juno vingativa.

2

Também farei memória gloriosa  
De quanto padeceu (enquanto erguia  
A Cidade) na guerra trabalhosa,  
E aos Deuses em Lácio recolhia,  
Donde procede, em guerra e paz famosa,  
Dos Latinos a grã genealogia  
E os albaneses padres, nada escuros,  
E, da alta Roma, os levantados muros.

3

Tu, Musa, as causas da paixão intensa  
Me reduz a memória, pois lembrada  
Estás por que respeito ou por que ofensa  
A Rainha dos Deuses, magoada,  
Quis que um varão de piedade imensa,  
Por quem será sua fama eternizada,  
Padecesse trabalhos tão contínuos.  
Tantas iras em ânimos divinos!

<sup>44</sup> *Teucra*: troiana.

<sup>45</sup> *Desbaratada*: destroçada.

<sup>46</sup> *Contrastado*: testado.

4

Uma antiga cidade houve chamada  
Cartago, habitação de tória gente,  
Bem defronte de Itália edificada,  
E da foz tiberina ao mar patente,  
Opulenta e, na guerra, assinalada,  
A qual se diz que Juno antigamente  
Mais que todas amou, sendo excluída  
A própria Samo, dela tão querida.

5

Suas armas aqui, seu coche esteve,  
E a deusa, desde então, se o permitia  
O Fado de algum modo, intento teve  
De lhe dar do orbe todo a monarquia.  
Mas, porque tinha ouvido, e temer deve,  
Que uma ilustre progênie manaria  
Do sangue dos Troianos, para estrago  
Das levantadas torres de Cartago,

6

E que este real povo, e soberano,  
Sobre todos na guerra assinalado,  
Total seria exício<sup>47</sup> do Africano,  
Que assi as Parcas o tinham ordenado;  
Receosa estava Juno deste dano,  
E na idéia trazia inda o passado  
Marte, que pelos Gregos declarara,  
E nos campos de Tróia sustentara.

7

Nem estava das causas esquecida,  
Nem das dores cruéis, mas só lhe dura  
N'alma impresso o juízo, e que ofendida  
Foi de Páris sua grande formosura;  
Lembra-lhe a geração aborrecida,  
E ante seus olhos ter-se-lhe afigura  
Ganimedes de uma águia arrebatado  
E por Jove no Olimpo colocado.

<sup>47</sup> *Exício*: destruição.

Acendido por isto em furor cego,  
 Apartava de Itália os navegantes,  
 Relíquias do cruel incêndio grego  
 E dos golpes de Aquiles penetrantes;  
 E já por muitos anos sem sossego,  
 De um mar em outro mar vagando errantes,  
 Os traziam seus Fados. Tanto havia  
 Preceder à Romana Monarquia!

**Horácio: *Epístola aos Pisões 445–476* por Cândido Lusitano (séc. XVIII)**

XXXIX

Quem tem bondade, e crítica prudente,  
 Repreende os versos frouxos; culpa os duros;  
 Risca os que não têm graça; os ambiciosos  
 De *nímia*<sup>48</sup> pompa corta; os pouco claros  
 Obriga a terem luz; aos de sentido  
 Duvidoso se opõe; enfim aponta  
 Tudo o que há de mudar-se: outro Aristarco  
 Se mostra, e jamais diz: Ao meu amigo  
 Por que hei de desgostar em leve coisa?  
 A graves passarão as leves faltas,  
 Se uma vez o enganares lisonjeiro.

XL

A gente de juízo teme tanto  
 Chegar-se ao mau poeta, como a enfermo  
 De lepra, de tirícia, e de loucura  
 Fanática ou furiosa. De rapazes  
 Turba incauta o persegue, e vai seguindo:  
 E se acaso altos versos vomitando,  
 Lhe suceder cair em poço ou cova,  
 (Bem como o que embebido em caçar melros,  
 Cai sem ver os perigos) a valer-lhe  
 Ninguém se chegará, inda que esteja  
 Longo tempo a clamar: "Quem me socorre!"  
 E se eu visse, que alguém lançando corda,  
 Pretendia acudir-lhe, me oporia  
 Dizendo-lhe: que sabes, se esta queda  
 Deu ele porque quis, e teu socorro  
 Não quer? E para prova lhe contara  
 De Empédocles a morte: quis ser tido  
 Por um deus imortal, e acometido  
 De frio horror, precipitou-se do Etna  
 Na frágua<sup>49</sup> ardente. Lícito aos poetas  
 Seja pois o matar-se: dar a vida  
 Ao que não quer viver, é dar-lhe a morte.  
 Não foi uma só vez que esse furioso

<sup>48</sup> *Nímia*: excessiva.

<sup>49</sup> *Frágua*: fomalha.

Tal loucura intentou; e se do risco<sup>50</sup>  
Chegasses a livrá-lo, nem por isso  
O verias curado, nem o afeto  
A tão falada morte perderia.  
Não posso alcançar bem por que motivo  
A pena se lhe pôs de fazer versos;  
Se foi por profanar as pátrias cinzas,  
Ou por tocar sacrílego o funesto  
Fulminado lugar: sei que é um louco  
Furioso, que à maneira de urso solto,  
Com versos insofríveis afugenta  
Ignorantes e doutos; e se acaso  
Acha alguém de bom jeito não o larga,  
E com versos o mata; semelhante  
À tenaz sanguessuga, que se cheia  
De sangue não está, não larga a pele.

<sup>50</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

### **Horácio: ode I 5 por "Elpino Duriense" (séc. XVIII)**

#### A PIRRA

Que delicado moço em muitas rosas,  
Banhado em cheiros líquidos te afaga,  
Ó Pirra, sob a bela gruta? A flava  
Coma para quem atas,  
Singela nos enfeites? Ai que vezes  
A fé e os Deuses chorará mudados  
E estranhará novel<sup>51</sup> de ver os mares  
Com negro vento irosos,  
O que ora de ti bela goza crédulo;  
Que doutro sempre isenta, sempre amável  
Te espera e ignora quanto a aura engana.  
Desgraçados aqueles  
A quem tu brilhas não tratada: sacra  
Parede no painel votivo amostra  
Que eu pendurei ao deus, senhor dos mares,  
Os úmidos vestidos.

<sup>51</sup> Novel: novato.

**Fedro: *fábula I 1* por "Elpino Duriense" (séc. XVIII)**

Um lobo e um cordeiro sequiosos  
A um mesmo rio tinham vindo: o lobo  
De cima estava, e a rês cá muito abaixo:  
D'ímproba gula eis movido o lobo,  
Motivo levantou de queixa, e disse: 5  
"Por que estando eu bebendo, a água me turbas?"  
A lanígera rês repõe tremendo:  
"Como posso fazer, te rogo, ó lobo,  
O mal de que te queixas? De ti corre 10  
A água para onde eu bebo": ele  
Das forças da verdade repulsado,  
"Há seis meses, lhe diz, me maldisseste:  
Responde a rês: não era então nascido":  
"Certo teu pai, lhe torna, me maldisse";  
E assim arrebatando-a com injusta 15  
Morte a lacera. Para aqueles homens  
Se escreveu esta fábula, que oprimem  
Com fingidas razões os inocentes.

**Horácio: *ode I 11* por "Filinto Elísio" (séc. XVIII)**

Tu não trates (que é mau) saber, Leucônoe,  
Que fim darão a mim, a ti os Deuses;  
Nem inquiras as cifras Babilônias,  
Por que melhor (qual for) sofrê-lo apures.  
Ou já te outorgue Jove invernos largos,  
Ou seja o derradeiro o que espedaça  
Agora o mar Tirreno nos fronteiros  
Carcomidos penhascos. Vinhos coa:  
Encurta em trato breve ampla'sperança.  
Foge, enquanto falamos, a invejosa  
Idade. O dia de hoje colhe, e a mínima  
No dia de amanhã confiança escoses.

**Horácio: ode I 11 pela Marquesa de Alorna (séc. XVIII)**

A HENRIQUETA, MINHA FILHA

Não procures saber, querida Irene,  
Se a mim, se a ti, os Deuses concederam  
Da vida um termo próximo ou distante:  
    Não convém tal exame.  
Não indagues os cálculos incertos  
Que produzem horóscopos confusos;  
Melhor será sofrer que descobri-los:  
    O que vier aceita.  
Ou nos dê Jove invernos numerosos,  
Ou neste, que do Tejo açouta as águas,  
Átropos corte o fio a nossos dias,  
    Recear é fraqueza.  
Gosta os frutos da Quinta do Descanso:  
Para longa esperança o espaço é breve;  
A idade foge enquanto discorremos:  
    Aproveita os momentos.  
Submete o fado à tua independência,  
Une à lira suave a voz celeste,  
Doira as horas que tens, vive bem hoje,  
    No porvir não te fies.

**Horácio: ode IV 10 por José Agostinho de Macedo (séc. XVIII–XIX)**

A LIGURINO

Ligurino cruel, e inda formoso,  
    E digno inda de amores,  
Quando importuna, inesperada barba  
Vier do rosto teu pisar o orgulho:  
    Quando os loiros cabelos,  
Que ora nos alvos ombros te flutuam  
Forem mudados pelas mãos da idade:  
  
Quando nas faces mórbidas e belas  
    A púrpura se eclipse,  
Que ora a cor vence da punícea Rosa:  
Quando teu rosto, que me encanta agora  
    Perder o viço, a graça,  
E a luz dos olhos teus, lânguida e morta,  
E a fronte ebúrnea, ríspida e rugosa:  
  
Ai de mim! Bradarás (quando te vires  
    No refulgente Espelho,  
Tão diverso daquele Ligurino  
Agora encantador). Por que apeteço  
    O mesmo que eu negava?  
Por que não corresponde o rosto antigo  
De novo agora aos férvidos desejos?



**Ovídio: *Metamorfoses II 761–782* por Bocage (séc. XVIII–XIX)**

É a estância da Inveja em gruta enorme,  
Lá nuns profundos vales escondida,  
Aonde o Sol não vai, nem vai Favônio.  
Reina ali rigoroso, eterno frio,  
De úmidas, grossas névoas sempre abunda.  
O monstro vive de vipéreas<sup>52</sup> carnes,  
Dos seus tartáreos vícios alimento.  
Da morte a palidez lhe está no aspecto,  
Magreza e corrupção nos membros todos;  
Olha sempre ao revés; ferrugem torpe  
Nos asquerosos dentes lhe negreja;  
Vê-se o fel verdejar no peito imundo,  
Espumoso veneno a língua verte;  
Longe o riso lhe jaz dos negros lábios,  
Só se nos mais há pranto, há nela riso,  
Em não vendo chorar lhe acode o choro;  
Não goza de repouso um só momento,  
Os cuidados que a roem não sofrem sono:  
Mirra-se de pesar, ao ver nos homens  
Qualquer bem; rala e rala-se a maligna,  
É verdugo de si, ódio de todos.

<sup>52</sup> *Vipéreas*: de víboras.

**Marcial: *epigrama I 19* por Bocage (séc. XVIII–XIX)**

Se me lembro, Élia, tiveste  
De belos dentes a posse:  
Numa tosse dois te foram,  
Foram-te dois noutra tosse.

Segura, noites e dias,  
Podes tossir a fartar;  
Podes, que tosse terceira  
Já não tem que te levar.

**Lucrecio: *Da natureza das coisas I 1–40* por Lima Leitão (séc. XVIII–XIX)**

Mimosa Vênus, mãe da eneide Roma,  
Prazer de homens e numes! Tu alentas  
Os astros, que dos céus no âmbito giram,  
As férteis terras, o naval oceano.  
Por ti, todo o animal recebe a vida! 5  
Logo ao nascer, na luz do sol atenta...  
Assim que assomas, diva<sup>53</sup> benfazeja,  
Traja o céu galas, foge o vento e as nuvens.  
Odores hábil cria a terra flores,  
Ri-se o mar, e pacato o vasto Olimpo 10  
De puríssima luz enche o universo.  
Mal que risonha a primavera brilha,  
E, livre, voa o zéfiro fecundo,  
Os habitantes do ar, n'alma sentindo  
A gostosa influência do teu império, 15  
Tua vinda descantam,<sup>54</sup> grande diva!  
Retouça<sup>55</sup> ovante a grei<sup>56</sup> no ameno prado,  
E a nado corta arrebatados rios.  
A série dos viventes, enlevada  
Nos teus encantos, nas delícias, 20  
Onde a diriges, ávida te segue.  
No largo mar, nos empinados montes,  
Nos torvos rios, nos virentes<sup>57</sup> campos,  
No opaco bosque, habitação das aves,  
Todos os corações por ti se acendem 25  
Do doce amor na irresistível flama.  
Assim, à geração prazer unindo,  
Gerais desejos instituis dela.  
Da natureza assentas-te no trono.  
Sem ti, nada recebe a luz dos astros, 30  
Nada tem perfeição, nada se estima.  
Por isso, ó deusa, vem! Fulge em meu canto,  
Que a natureza explanará dos entes!  
Ao Mêmio nosso o sagro, a quem te aprouve

<sup>53</sup> *Diva*: deusa.

<sup>54</sup> *Descantam*: cantarolam.

<sup>55</sup> *Retouça*: pasta.

<sup>56</sup> *Grei*: rebanho.

<sup>57</sup> *Virentes*: verdejantes.

Dos teus mais nobres dons orná-lo sempre.<sup>58</sup> 35  
Vês quão merece; empenha-te, Acidália!<sup>59</sup>  
Tem jus varão tão grande a canto eterno.  
No entanto, faze que pacato durma  
Na terra e mar o horror da insana guerra.  
Só tu tens o poder de, em paz tranqüila, 40  
Dar prazer aos mortais; que o grão Mavorte,<sup>60</sup>  
Deus que as batalhas a seu gosto rege,  
Nos braços teus se lança e preso fica;  
Punge-o de intenso amor ferida eterna.  
O colo majestoso então inclina; 45  
Sobre teu peito reclinando a face,  
Pasmado embebe em ti, ó deusa, os olhos,  
Que em êxtase de amor ávidos pascem,  
Enquanto aos lábios teus a alma lhe pende.  
Quando, ó diva, suave, o apertas todo, 50  
Desfalecido em teus sagrados membros,  
Com doce persuasão lhe ameiga as iras,  
Alcança o bem da paz e adita<sup>61</sup> Roma!

<sup>58</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

<sup>59</sup> *Acidália*: epíteto de Vênus.

<sup>60</sup> *Mavorte*: Marte.

<sup>61</sup> *Adita*: torna feliz.

**Virgílio: égloga I por Odorico Mendes (séc. XIX)**

Melibeu, Títiro

*Mel.* Tu, sob a larga faia reclinado,

Silvestre musa em tênue cana entoas:

Nós, Títiro, da pátria os fins deixamos

E a doce lavra, à pátria nós fugimos;

As selvas tu, pausado à sombra, ensinas

Amarílis formosa a resoarem.

*Tít.* Ó Melibeu, este ócio é dom divino;

Que um deus o creio, e sempre as aras dele

Tenro anho<sup>62</sup> tingirá do aprisco<sup>63</sup> nosso:

Deu-me, estás vendo, errarem minhas vacas,

Tanger a meu sabor na agreste avena.<sup>64</sup>

*Mel.* Eu não to invejo, admiro, no alvoroto

Que anda em redor. Aqui já levo as cabras,

E esta aflito conduzo, que entre espessas

Aveleiras pariu, pouco há largando

Ai! Sobre lisa pedra uns gemeozinhos,

Esperança da grei. Do céu feridos,

Não fora avessa a mente, o mal por vezes

Os carvalhos me lembra o anunciaram,

Por vezes da oca enzinha<sup>65</sup> a esquerda gralha.

Mas, Títiro, esse deus quem é nos conta.

*Tít.* Néscio a terra julguei chamada Roma

Pela nossa, a que usamos ovelheiros

Ir vender os borregos<sup>66</sup> desmamados;

Qual sabia à cadela os cachorrinhos,

Qual à mãe semelharem-se os cabritos,

Qual ao grande o pequeno eu comparava:

Porém soberba excede as mais cidades,

Quanto aos fléxeis viburnos os ciprestes.

*Mel.* E o que impeliu-te a Roma? *Tít.* A liberdade,

Que, tarda, olhou-me inerte, rasa a barba

A me cair mais branca; olhou-me e veio,

Depois que enfim, nos braços de Amarílis,

Soltou-me Galatéia; pois, confesso,

De Galatéia escravo, eu no resgate

<sup>62</sup> *Anho*: cordeiro.

<sup>63</sup> *Aprisco*: curral de ovelhas.

<sup>64</sup> *Avena*: flauta rústica.

<sup>65</sup> *Enzinha*: azinheira.

<sup>66</sup> *Borregos*: cordeiros jovens (até um ano).

Fé não tinha ou cuidado no pecúlio.<sup>67</sup>

Dos redis muita rez a Mântua ingrata,

Grosso queijo dos cinchos<sup>68</sup> me saía,

E à casa nunca as mãos voltavam cheias.

*Mel.* Os céus pasmava-me invocares triste,

N'árvore as frutas, Amarílis, teres;

Guardadas para Títiro pendiam.

Estes pinheiros, Títiro, estas fontes,

Estes soutos<sup>69</sup> umbrosos te chamavam.

*Tít.* Que remédio! Remir-me não podia,

Achar divos alhures tão presentes.

Lá vi, pastor, o moço a quem fumegam

Doze dias por ano altares nossos;

Meu rogo ele atalhou: "Como antes, filhos,

Ide as vacas pascer, jungir os touros".

*Mel.* Ditoso velho! Os campos teus conservas,

E a ti bastantes, bem que os pastos cubra

Calva rocha e paul de limo e junco;

Nem relva estranha e andaço<sup>70</sup> em grei vizinha

Te há de as prenhes danar. Ditoso velho!

Entre estes notos rios, sacras fontes,

Lograrás sossegado a sombra amena.

Daqui, te induzirá contígua sebe,

Libado<sup>71</sup> o salgueiral de abelhas d'Hibla,

Com suave sussurro ao meigo sono;

Dali, desfolhador sob alta penha

Às auras cantarás; no entanto, rouco

Torcaz,<sup>72</sup> prazeres teus, nem mesta<sup>73</sup> rola

Cessarás de gemer do aéreo olmeiro.

*Tít.* Leves pelo éter pastarão veados,

Peixes nus lançará na praia o rolo;

Antes, confins trocando, êxul o Parto

O Áraris beberá, Germânia o Tigre,

Que o vulto seu do peito nos decaia.

*Mel.* E nós! Iremos aos sedentos Afros,

Parte à Cítia, ao veloz Gretense Oaxes,

<sup>67</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

<sup>68</sup> *Cinchos*: formas para fabricar queijo.

<sup>69</sup> *Soutos*: bosques.

<sup>70</sup> *Andaço*: epidemia.

<sup>71</sup> *Libado*: bebido.

<sup>72</sup> *Torcaz*: o mesmo que pombo-torcaz.

<sup>73</sup> *Mesta*: triste.

Do orbe inteiro aos Britanos separados.<sup>74</sup>  
 Quando será que, após algumas ceifas,  
 Longo desterro findo, aqui reveja  
 Barrada pobre choça onde eu reinava! 75  
 Terá brutal soldado estes alqueives?<sup>75</sup>  
 Um bárbaro estas messes? Ao que arrasta  
 Ímpia civil discórdia! Eis quem desfruta  
 Nosso agro<sup>76</sup> e semeada! Agora enxerta  
 Pereiras, Melibeu, dispõe bacelos.<sup>77</sup> 80  
 Ide, rebanho venturoso outrora,  
 Ide, cabrinhas: em frondente lapa  
 Estendido, não mais hei de avistar-vos  
 De sarçoso rochedo penduradas.  
 Não mais canções; não mais, queridas cabras, 85  
 O codesso florente, eu pastorando,  
 Nem as salgueiras<sup>78</sup> tosareis amargas.  
*Tít.* Podes contudo sobre verde folha  
 Cá pernoitar. Macios pomos temos,  
 Em cópia requeijões, castanhas moles. 90  
 E ao longe dos casais fumando os cumes,  
 Dos altos caem já maiores sombras.

<sup>74</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

<sup>75</sup> *Alqueives*: terras anualmente deixadas em repouso.

<sup>76</sup> *Agro*: campo.

<sup>77</sup> *Bacelos*: mudas de videira.

<sup>78</sup> *Salgueiras*: salgueiros.

### Virgílio: *Eneida I 1–33* por Barreto Feio (séc. XIX)

Eu canto as armas e o barão primeiro,  
 Que, prófugo de Tróia por destino,  
 À Itália e de Lavínio às praias veio.  
 Muito por mar e terra contrastado  
 Foi do poder dos numes, pelas iras  
 Esquecidas jamais da seva Juno:  
 Muito sofreu na guerra, antes qu' em Lácio  
 Cidade erguesse e introduzisse os deuses:  
 D'onde a gente Latina origem teve,  
 D'Alba os padres, e os muros d'alta Roma.  
 As causas tu me conta, ó musa; dize  
 Por que lesa deidade, ou de qu'ultraje,  
 A rainha dos deuses ressentida,  
 Passar por tantos casos da fortuna,  
 Tantos trabalhos arrostar faria  
 Um barão na piedade assinalado.  
 Cabe em peitos celestes ira tanta?  
 Longe da foz do Tibre, olhando a Itália,  
 Uma cidade antiga houve, Carthago:  
 Colônia foi de Tírios; opulenta,  
 E na escola da guerra endurecida:  
 Habitação que dizem sobre todas,  
 Posposta a mesma Samos, Juno amara;  
 Ali as armas teve, ali seu carro.  
 Que fosse esta a metrópole do mundo,  
 Se os Fados consentissem, logo a deusa  
 Pretendera, e nutria essa esperança.  
 Mas do Troiano sangue derivar-se  
 Ouvira que devia alta progênie,  
 Que arrasaria um tempo os Tírios muros.  
 D'aqui viria um povo rei sem termo,  
 E na guerra soberbo, para excídio<sup>79</sup>  
 De Líbia: assim no fatal fuso as parcas  
 O fio do sucesso envolveram.

<sup>79</sup> *Excídio*: destruição.

Temendo isto a Satúrnia, e na lembrança<sup>80</sup>  
Tendo a passada guerra, que ela fora  
A primeira a mover contra os Troianos  
Pelos caros Argivos,<sup>81</sup> (removido  
Se lhe não tinham do ânimo inda as causas  
Da ira e as sevas dores) n'alta mente  
Gravada tem de Páris a sentença,  
A injúria da beleza desprezada,  
A aborrecida estirpe, e do roubado  
Ganimedes as honras. Acendida  
Por tais motivos sobremodo a deusa,  
Por todo o equóreo<sup>82</sup> campo desgarrados  
Longe do Lácio desviava os Teucros,  
Restos dos Dânaos<sup>83</sup> e do fero Aquiles.  
E, impelidos dos fados, muitos anos  
Havia já que andavam rodeando  
Por todo o vasto mar. De tanta mole<sup>84</sup>  
Era fundar o povo dos Romanos!

<sup>80</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

<sup>81</sup> *Argivos*: gregos.

<sup>82</sup> *Equóreo*: de alto-mar.

<sup>83</sup> *Dânaos*: gregos.

<sup>84</sup> *Mole*: massa, grande porção ou volume.

#### Virgílio: *Geórgicas IV* 453–527 por Antônio Feliciano de Castilho (séc. XIX)

“Tens nume a perseguir-te. Expias atentados.  
O misérrimo Orfeu, que inda é mui bom contigo,  
se o não tolhe o destino inflige-te castigo  
de o esbulhares<sup>85</sup> da esposa; e justas iras ceva.<sup>86</sup>  
Ela em flor (pensa-o bem) votada à estígia treva,  
de ti se ia fugindo ao longo da ribeira,  
tão louca de terror, tão cega na carreira,  
que não viu ante os pés o hidro<sup>87</sup> entre a verdura,  
guarda enorme do rio. Ai, moça! Ai, desventura!

“Das Dríades o coro encheu de vãos queixumes  
por sua irmã finada a serra até aos cumes.  
Rodopeus alcantis,<sup>88</sup> pângeas assomadas,<sup>89</sup>  
terra marcial de Reso, e géticas moradas,  
e campinas do Hebro, e a ática Orítia,  
tudo a chorou. O esposo à lira em vão pedia  
lhe suavizasse a dor. Por ti, consorte amada,  
por ti, consigo a sós, na praia descampada,  
por ti, raiando a luz, por ti, quando atro manto  
a noite desdobrava, enchia de ais o canto.

“Até ousou descer do Tenaro as gargantas,  
fundo ingresso a Plutão; pôr temerário as plantas  
no luco<sup>90</sup> horrendo e negro, atravessar o tetro<sup>91</sup>  
bando dos manes; ver o atroz que empunha o cetro  
do império morto; enfim tratar de perto os duros  
corações surdos sempre a rogos e conjuros.

<sup>85</sup> *Esbulhares*: desapossares.

<sup>86</sup> *Ceva*: alimenta.

<sup>87</sup> *Hidro*: serpente.

<sup>88</sup> *Alcantis*: margens rochosas.

<sup>89</sup> *Assomadas*: cimos.

<sup>90</sup> *Luco*: bosque.

<sup>91</sup> *Tetro*: escuro.

“Do Érebo mais fundo, ao som dos seus cantares,  
as sombras dos sem-luz subiam-se aos milhares;  
quais pássaros num souto ao fim da tarde, ou quando  
dos montes Austro hiberno os veio profligando:<sup>92</sup>  
donas, varões, heróis, meninos, virgens, quanto  
mancebo foi à pira ante seus pais em pranto;  
inúmero tropel, mas rodeado todo  
do informe canavial, do ferrugíneo lodo  
e linfa do Cocito horrífico e dormente;  
turba por entre quem se arrasta qual serpente  
a Estige encarcerando-a em suas nove roscas.<sup>93</sup>  
Que digo! Até ao imo aquelas mansões foscas  
do desânimo eterno, o Tártaro, as riçadas  
Eumênides irmãs de cobras azuladas,  
tudo pasma a escutar! Cérbero as vozes roucas  
nas gargantas reprime, abertas as três bocas;  
e a roda de Íxion suspende o remoinho!

“Já vinha desandando<sup>94</sup> o lôbrego<sup>95</sup> caminho,  
redivivo ao prazer, e salvo dos azares.  
Restituída a seus pais, volvia aos puros ares  
trás ele, e não olhada, Eurídice. Tal era  
a cláusula que ao dom Prosérpina impusera.

“Alucina-se o amante (insânia perdoável,  
se couberam perdões no abismo inexorável!)  
pára, já quase à luz... esquece... oh! luto,  
sua Eurídice encara, e esvai-se à lida o fruto!...  
Do Averno o cru tirano o pacto há rescindido,  
e três vezes sai do Orco um lúgubre estampido,  
co’ a voz dela per meio:

‘Orfeu, que amor foi este?  
Mísera! A mim, e a ti, co’o teu furor perdeste!  
O fado me revoca! Ai! Sinto os olhos meus  
outra vez a nadar no sono eterno... Adeus!...  
Força estranha me empuxa! A negridão me cerca!  
Tendo-te embalde as mãos! É força que te perca!’ –

<sup>92</sup> *Profligando*: pondo em desordem.

<sup>93</sup> *Roscas*: voltas.

<sup>94</sup> *Desandando*: tornando pelo mesmo caminho.

<sup>95</sup> *Lôbrego*: escuro.

“Disse, e desapareceu, qual fumo na atmosfera;  
sem nunca mais o ver, a ele, que inda espera  
co’as frenéticas mãos nas sombras apanhá-la,  
mil coisas quer dizer-lhe, e não atina fala!

“Do Orco o velho arrais<sup>96</sup> nunca dess’hora avante  
consentiu mais regresso à malograda amante.

“Duas vezes viúvo, onde é que há de ir-se agora,  
que há de fazer Orfeu? Pranteia, clama, implora,  
e todo o inferno é surdo, e nenhum deus o atende!

“Gelada ao longe a esposa a veia estígia fende.

“Sete meses a fio, é fama que levava  
Orfeu a deplorar a sua sorte avara,  
dentro de uma alta lapa entre as nuvens pendente  
do deserto Estrímon sobre a fugaz corrente.  
Naquela gruta fria, entoando os seus trabalhos,  
os tigres apiedava, atraía os carvalhos.  
Tal na copa do choupo aflita filomela,<sup>97</sup>  
de haver perdido a prole aos ecos se querela,  
pois duro lavrador, que lhe espreitava o ninho,  
veio implume roubar-lha ao maternal carinho,  
carpe-se toda a noite apegadinha ao ramo;  
renova sem cessar o mísero reclamo,  
e enche de terna mágoa os longes da devesa.<sup>98</sup>  
De tamanha saudade imerso na escuriza,  
Orfeu nem se comove a tentações de amores,  
nem se dá d’himeneus.<sup>99</sup> Vai, só com suas dores,  
retrilhando o nevão<sup>100</sup> das hiperbóreas<sup>101</sup> terras,  
e do Tanais algente,<sup>102</sup> e das riféias serras,  
a deplorar sem termo Eurídice roubada,  
e do cruel Plutão a dádiva frustrada.

<sup>96</sup> *Arrais*: capitão de barca.

<sup>97</sup> *Filomela*: andorinha.

<sup>98</sup> *Devesa*: espaço cercado.

<sup>99</sup> *Himeneus*: casamentos.

<sup>100</sup> *Nevão*: nevasca.

<sup>101</sup> *Hiperbóreas*: setentrionais.

<sup>102</sup> *Algente*: gélido.

“Tão exemptos<sup>103</sup> desdéns, tão longa rebeldia  
trocaram afinal o afeto em sanha ímpia  
nos ígneos corações das cícones<sup>104</sup> amantes.  
Entre o rito noturno, orgias ebrifestantes,<sup>105</sup>  
correm, bramindo, ao moço; investem-no mil braços;  
cai; pelo campo todo atiram-no pedaços.

“Que termo! E a que viver! Lhe não impôs seu astro!  
A cabeça arrancada ao colo de alabastro  
ia-se a volutear no Ebro, na corrente  
do Eagro, de seu pai, mas inda a voz cadente  
co’ a língua regelada – ‘Eurídice’ dizia;  
– ‘Eurídice infeliz’ – chamava na agonia;  
E em todo o rio ao longo as margens em tom brando  
– ‘Eurídice infeliz’ – ficavam murmurando”.

<sup>103</sup> *Exemptos*: livres.

<sup>104</sup> *Cícones*: povo do sul da Trácia.

<sup>105</sup> *Ebrifestantes*: que envolvem gracejos e embriaguez.

### **Catulo: *poema 5* por “Curioso Obscuro” (Aires de Gouveia, séc. XIX)**

Do amor, minha Lésbia,  
vivamos nas leis;  
que os chascos<sup>106</sup> dos velhos  
não valem três réis.

O sol põe-se, e volta  
do mundo ao festim;  
a nós, vindo o ocaso,  
a noite é sem fim.

Oh! Dá-me mil beijos,  
mais mil e mais cem;  
mil outros, cem outros,  
mais mil dar-me vem.

E, quando fizermos  
já muito milhar,  
a conta devemos  
depois transtornar.

Tal soma de beijos  
convém não saber;  
podia invejar-nos  
um tolo qualquer.

<sup>106</sup> *Chascos*: falas zombeteiras.

**Catulo: poema 7 por "Curioso Obscuro" (Aires de Gouveia, séc. XIX)**

Perguntas-me, Lésbia, quantos  
beijos teus me fartarão?  
Olha a Líbia: tantos, tantos,  
quantas areias estão  
entre o templo a Jove adusto  
e o sepulcro a Bato augusto,  
na pirétrica<sup>107</sup> Cirena:  
ou do céu quantos fulgores  
contemplam em noite amena  
de homens furtivos amores.  
Para fartar seus desejos,  
com tantos e tantos beijos  
te quer Catulo beijar,  
que nem possam numerá-los  
curiosos, nem daná-los  
das más línguas o contar.

<sup>107</sup> *Pirétrica*: ardente.

**Propércio: elegia I 1 por "Curioso Obscuro" (Aires de Gouveia, séc. XIX)**

De amorosas paixões até então isento,  
vejo de Cíntia o olhar; cativo eis-me, infeliz!  
Adeus de meus desdêns constante pensamento,  
que à fronte altiva Amor me impôs seus pés gentis!  
Lascivo quer que odeie as castas raparigas,  
e viva à solta e louco; e já neste furor  
um ano me inteirou. E em cima, Amor, me obrigas  
dos deuses a sofrer adverso, atroz rigor.

A sevícia abrandou, trabalhos mil lidando,  
de Iásio à dura filha, ó Tulo, Milanião;  
hirsutas<sup>108</sup> feras vendo, os antros pervagando  
nas brenhas do Partênio, em fúria e sem razão:  
e do ramo de Hileu sofrendo a chaga viva,  
aos rochedos da Arcádia ensina o seu gemer;  
mas pôde assim domar a moça fugitiva:  
tanto pode no amor a prece e o bem-fazer.

Comigo, tardo o amor, nem tenta alguns ensaios,  
nem lembra, como outrora, os meios de agradar;  
mas vós que governais a lua em seus desmaios,  
e lograis no lar sacro os deuses aplacar;  
eia pois, converti à minha amada a mente,  
façei que empalideça e mais que o rosto meu;  
e então eu vos crerei, e que astros e a corrente  
dos rios domar pode o canto Citeneu.

E vós que, amigos, tarde a revocar-me vindes,  
prestai-me auxílios, sim; mas não de bom pensar.  
Forte em sofrer não ponho ao ferro e ao fogo lindes,<sup>109</sup>  
podendo livre à ira um livre curso dar.  
Levai-m'além do mar, além do extremo mundo,  
onde mulher nenhuma indague o meu viver:  
ficai vós, a quem deus o ouvido abre jucundo,  
e sede amantes sempre em mútuo benquerer.

Vênus, triste de mim! As noites me amargura,  
e m'as enche contínuo o mais intenso ardor.  
Fugide o mal, advirto; e guarde em si segura  
sua paixão cada um; não mude o certo amor.  
Mas, se dá tardo ouvido alguém ao que lhe augura  
meu verso, há de o lembrar, mas ai! Com quanta dor!

<sup>108</sup> *Hirsutas*: peludas.

<sup>109</sup> *Lindes*: limites.



## Juvenal: *sátira V 24–37* por Costa Lobo (séc. XIX)

Mas que jantar!

O vinho sobretudo  
Nem de lã crua serve para emplastos,  
Tão derramado e azedo que transtorna  
O conviva em furioso coribante.<sup>110</sup>  
É contar com as brigas.

O prelúdio  
São as altercações que logo tendes,  
Parasitas c'ó rancho dos libertos.  
Breve ferve o combate estrondeando  
Com ânforas e copos de Sagunto.  
E tu, que és mal ferido na refrega,  
No guardanapo limparás o sangue.  
Tal o efeito do vinho que te servem.  
Mas o outro, que o anfitrião está bebendo,  
É do enfrascado no tempo em que aos cônsules  
Intonsas se alongavam as guedelhas.  
Junto dele também o sumo da uva  
Durante as guerras sociais colhida,  
Do qual não mandará sequer um ciato<sup>111</sup>  
Nem a um amigo seu com dor cardíaca.  
E amanhã gostará do vindimado  
Nos outeiros Albanos ou Setinos,  
Tão velho que o bolor já apagara  
O rótulo da idade e procedência,  
E fino qual bebiam Trásea e Helvídio,  
Dos Brutos e de Cássio celebrando,  
Engrinaldados, dia natalício.

<sup>110</sup> *Coribante*: sacerdote ruidoso de Cibele.

<sup>111</sup> *Ciato*: antiga medida de capacidade (0,045 litro).

## Omnia opera Latina hic traducta, ordine primae transcriptionis

### Horatius: *carmen I 11*

Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi,  
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios  
temptaris numeros. Vt melius quicquid erit pati!  
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,  
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum, sapias, vina liques et spatio brevi  
spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida  
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.

**Virgilius: Aeneis I 1–33**

Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris  
 Italiam fato profugus Laviniaque venit  
 litora, multum ille et terris iactatus et alto  
 vi superum saevae memorem Iunonis ob iram,  
 multa quoque et bello passus, dum conderet urbem 5  
 inferretque deos Latio, genus unde Latinum,  
 Albanique patres atque altae moenia Romae.  
 Musa, mihi causas memora, quo numine laeso,  
 quidve dolens, regina deum tot volvere casus  
 insignem pietate virum, tot adire labores 10  
 impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?  
 Vrbs antiqua fuit, Tyrii tenuere coloni,  
 Karthago, Italiam contra Tiberinaque longe  
 ostia, dives opum studiisque asperrima belli;  
 quam Iuno fertur terris magis omnibus unam 15  
 posthabita coluisse Samo; hic illius arma,  
 hic currus fuit; hoc regnum dea gentibus esse,  
 si qua fata sinant, iam tum tenditque fovetque.  
 Progeniem sed enim Troiano a sanguine duci  
 audierat, Tyrias olim quae verteret arces; 20  
 hinc populum late regem belloque superbum  
 venturum excidio Libyae: sic volvere Parcas.  
 Id metuens, veterisque memor Saturnia belli,  
 prima quod ad Troiam pro caris gesserat Argis:  
 necdum etiam causae irarum saevique dolores 25  
 exciderant animo: manet alta mente repostum  
 iudicium Paridis spretaeque iniuria formae  
 et genus invisum et rapti Ganymedis honores:  
 his accensa super, iactatos aequore toto  
 Troas, reliquias Danaum atque immitis Achilli, 30  
 arcebat longe Latio, multosque per annos  
 errabant acti fati maria omnia circum.  
 Tantaemolis erat Romanam condere gentem.

**Horatius: Epistula ad Pisones 445–476**

XXXIX  
 Vir bonus et prudens versus reprehendet inertis, 445  
 culpabit duos, incomptis adlinet atrum  
 transvorso calamo signum, ambitiosa recidet  
 ornamenta, parum claris lucem dare coget,  
 arguet ambigue dictum, mutanda notabit,  
 fiet Aristarchus, nec dicet: "Cur ego amicum 450  
 offendam in nugis?" Hae nugae seria ducent  
 in mala derisum semel exceptumque sinistre.

XL  
 Vt mala quem scabies aut morbus regius urget  
 aut fanaticus error et iracunda Diana,  
 vesanum tetigisse timent fugiuntque poetam, 455  
 qui sapiunt; agitant pueri incautique sequuntur.  
 Hic dum sublimis versus ructatur et errat,  
 si veluti merulis intentus decidit auceps  
 in puteum foveamue, licet "succurrite" longum  
 clamet "io cives", non sit qui tollere curet. 460  
 Si curet quis opem ferre et demittere funem,  
 "qui scis an prudens huc se deiecerit atque  
 servari nolit?" Dicam, Siculique poetae  
 narrabo interitum. Deus immortalis haberi  
 dum cupit Empedocles, ardentem frigidus Aetnam 465  
 insilvit. Sit ius liceatque perire poetis;  
 invitum qui servat, idem facit occidenti.  
 Nec semel hoc fecit nec, si retractus erit, iam  
 fiet homo et ponet famosae mortis amorem.  
 Nec satis apparet cur versus factitet, utrum 470  
 minxerit in patrios cineres, an triste bidental  
 moverit incestus; certe furit, ac velut ursus,  
 obiectos caveae valuit si frangere clatros,  
 indoctum doctumque fugat recitator acerbus;  
 quem vero arripuit, tenet occiditque legendo, 475  
 non missura cutem nisi plena cruoris hirudo.

**Horatius: carmen I 5**

Quis multa gracilis te puer in rosa  
perfusus liquidis urget odoribus  
grato, Pyrrha, sub antro?  
cui flavam religas comam,

simplex munditiis? Heu quotiens fidem  
mutatosque deos flebit et aspera  
nigris aequora ventis  
emirabitur insolens,

qui nunc te fruitur credulus aurea,  
qui semper vacuum, semper amabilem  
sperat, nescius aurae  
fallacis. Miseri, quibus

intemptata nites. Me tabula sacer  
votiva paries indicat uvida  
suspendisse potenti  
vestimenta maris deo.

5

10

15

**Phaedrus: fabula I 1**

LVPVS ET AGNVS

Ad rivum eundem lupo et agno venerant  
siti compulsi; superior stabat lupo  
longeque inferior agnus. Tunc voce improba  
latro incitatus iurgii causam intulit.

"Quare", inquit, "turbulentam fecisti mihi  
aquam bibenti?" Laniger contra timens:  
"Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupo?  
A te decurrit ad meos haustus liquor".

Repulsus ille veritatis viribus:  
"Ante hos sex menses male", ait, "dixisti mihi"  
Respondit agnus: "Equidem natus non eram".  
"Pater hercle tuus" ille inquit "male dixit mihi";  
atque ita correptum lacerat, iniusta nece.  
Haec propter illos scripta est homines fabula,  
qui fictis causis innocentes opprimunt.

5

10

**Horatius: carmen IV 10**

O crudelis adhuc et Veneris muneribus potens,  
insperata tuae cum veniet pluma superbiae  
et, quae nunc umeris involitant, deciderint comae,  
nunc et qui color est puniceae flore prior rosae  
mutatus Ligurinum in faciem verterit hispidam,  
dices, heu, quotiens te speculo videris alterum:  
"Quae mens est hodie, cur eadem non puero fuit,  
vel cur his animis incolumes non redeunt genae?"

5

**Ovidius: Metamorphoseon II 761–782**

Protinus Invidiae nigro squalentia tabo  
tecta petit: domus est imis in vallibus huius  
abdita, sole carens, non ulli pervia vento,  
tristis et ignavi plenissima frigoris et quae  
igne vacet semper, caligine semper abundet.  
Huc ubi pervenit belli metuenda virago,  
constitit ante domum, neque enim succedere tectis  
fas habet, et postes extrema cuspide pulsat.  
Concussae patuere fores. Videt intus edentem  
vipereas carnes, vitiorum alimenta suorum,  
Invidiam visaque oculos avertit. At illa  
surgit humo pigra semesarumque relinquit  
corpora serpentum passuque incedit inertem.  
Vtque deam vidit formaque armisque decoram,  
ingemuit vultumque ima ac suspiria duxit.  
pallor in ore sedet, macies in corpore toto,  
nusquam recta acies, livent rubigine dentes,  
pectora felle virent, lingua est suffusa veneno;  
risus abest, nisi quem visi movere dolores;  
nec fruitur somno, vigilantibus excita curis,  
sed videt ingratos, intabescitque videndo  
successus hominum carpitque et carpitur una  
suppliciumque suum est. [...]

760

765

770

775

780

**Martialis: epigramma I 19**

Si memini, fuerant tibi quattuor, Aelia, dentes:  
expulit una duos tussis et una duos.  
Iam segura potes totis tussire diebus:  
nil istic quod agat tertia tussis habet.

**Lucretius: De rerum natura I 1–40**

Aeneadum genetrix, hominum divomque voluptas,  
alma Venus, caeli subter labentia signa  
quae mare navigerum, quae terras frugiferentis  
concelebras, per te quoniam genus omne animantum  
concipitur, visitque exortum lumina solis,  
te, dea, te fugiunt venti, te nubila caeli  
adventumque tuum, tibi suavis daedala tellus  
summittit flores, tibi rident aequora ponti,  
placatumque nitet diffuso lumine caelum.  
Nam simul ac species patefactast verna diei,  
et reserata viget genitabilis aura favoni,  
aeriae primum volucres te, diva, tuumque  
significant initum percussae corda tua vi.  
Inde ferae, pecudes persultant pabula laeta,  
et rapidos tranant amnis: ita capta lepore  
te sequitur cupide quo quamque inducere pergis.  
Denique per maria ac montis fluviosque rapacis,  
frondiferasque domos avium camposque virentis,  
omnibus incutiens blandum per pectora amorem,  
efficis ut cupide generatim saecla propagent.  
Quae quoniam rerum naturam sola gubernas,  
nec sine te quicquam dias in luminis oras  
exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,  
te sociam studeo scribendis versibus esse  
quos ego de rerum natura pangere conor  
Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni  
omnibus ornatum voluisti excellere rebus.  
Quo magis aeternum da dictis, diva, leporem.  
Effice ut interea fera moenera militiai  
per maria ac terras omnis sopita quiescant.  
Nam tu sola potes tranquilla pace iuvare  
mortalis, quoniam belli fera moenera Mavors  
armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se  
reiiicit, aeterno devictus volnere amoris,  
atque ita suspiciens tereti cervice reposta  
pascit amore avidos inhians in te, dea, visus,  
eque tuo pendet resupini spiritus ore.  
Hunc tu, diva, tuo recubantem corpore sancto  
circumfusa super, suavis ex ore loquellas  
funde petens placidam Romanis, incluta, pacem.

**Virgilius: egloga I**

Meliboeus  
 Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi  
 silvestrem tenui Musam meditaris avena;  
 nos patriae finis et dulcia linquimus arva;  
 nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra  
 formosam resonare doces Amaryllida silvas. 5

Tityrus  
 O Meliboe, deus nobis haec otia fecit:  
 namque erit ille mihi semper deus; illius aram  
 saepe tener nostris ab ovilibus imbuet agnus.  
 Ille meas errare boves, ut cernis, et ipsum  
 ludere quae vellem calamo permisit agresti. 10

Meliboeus  
 Non equidem invideo, miror magis; undique totis  
 usque adeo turbatur agris! En ipse capellas  
 protinus aeger ago; hanc etiam vix, Tityre, duco:  
 hic inter densas corylos modo namque gemellos,  
 spem gregis, a! silice in nuda conixa reliquit. 15  
 Saepe malum hoc nobis, si mens non laeva fuisset,  
 de caelo tactas memini praedicere quercus.  
 Sed tamen iste deus qui sit, da, Tityre, nobis.

Tityrus  
 Urbem quam dicunt Romam, Meliboe, putavi  
 stultus ego huic nostrae similem, cui saepe solemus  
 pastores ovium teneros depellere fetus. 20  
 Sic canibus catulos similis, sic matribus haedos  
 noram, sic parvis componere magna solebam.  
 Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes  
 quantum lenta solent inter viburna cupressi. 25

Meliboeus  
 Et quae tanta fuit Romam tibi causa videndi?

Tityrus  
 Libertas, quae sera tamen respexit inertem,  
 candidior postquam tondenti barba cadebat;  
 respexit tamen, et longo post tempore venit,  
 postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit. 30  
 Namque, fatebor enim, dum me Galatea tenebat,  
 nec spes libertatis erat, nec cura peculi.  
 Quamvis multa meis exiret victima saeptis,  
 pinguis et ingratae premeretur caseus urbi,  
 non unquam gravis aere domum mihi dextra redibat. 35

Meliboeus  
 Mirabar quid maesta deos, Amarylli, vocares,  
 cui pendere sua patereris in arbore poma:  
 Tityrus hinc aberat. ipsae te, Tityre, pinus,  
 ipsi te fontes, ipsa haec arbusta vocabant.

Tityrus  
 Quid facerem? Neque servitio me exire licebat,  
 nec tam praesentis alibi cognoscere divos. 40  
 Hic illum vidi iuvenem, Meliboe, quotannis  
 bis senos cui nostra dies altaria fumant.  
 Hic mihi responsum primus dedit ille petenti:  
 "Pascite, ut ante, boves, pueri, submitte tauros". 45

Meliboeus  
 Fortunate senex, ergo tua rura manebunt!  
 Et tibi magna satis, quamvis lapis omnia nudus  
 limosoque palus obducat pascua iunco;  
 non insueta gravis temptabunt pabula fetas,  
 nec mala vicini pecoris contagia laedent. 50  
 Fortunate senex, hic inter flumina nota  
 et fontis sacros frigus captabis opacum.  
 Hinc tibi, quae semper, vicino ab limite saepes  
 Hyblaeis apibus florem depasta salicti  
 saepe levi somnum suadebit inire susurro; 55  
 hinc alta sub rupe canet frondator ad auras;  
 nec tamen interea raucae, tua cura, palumbes,  
 nec gemere aera cessabit turtur ab ulmo.

Tityrus  
 Ante leves ergo pascentur in aethere cervi,  
 et freta destituent nudos in litore piscis, 60  
 ante pererratis amborum finibus exsul  
 aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim,  
 quam nostro illius labatur pectore vultus.

Meliboeus  
 At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,  
 pars Scythiam et rapidum cretae veniemus Oaxen  
 et penitus toto divisos orbe Britannos. 65  
 En unquam patrios longo post tempore finis,  
 pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
 post aliquot, mea regna videns, mirabor aristas?  
 Impius haec tam culta novalia miles habebit?  
 Barbarus has segetes? En quo discordia civis  
 produxit miseros! His nos consevimus agros!  
 Insere nunc, Meliboe, puros, pone ordine vites!  
 Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:  
 non ego vos posthac, viridi proiectus in antro 75  
 dumosa pendere procul de rupe videbo;  
 carmina nulla canam; non, me pascente, capellae,  
 florentem cytisum et salices carpetis amaras.

Tityrus  
 Hic tamen hanc mecum poteris requiescere noctem  
 fronde super viridi. Sunt nobis mitia poma,  
 castaneae molles et pressi copia lactis;  
 et iam summa procul villarum culmina fumant,  
 maioresque cadunt altis de montibus umbrae. 80

**Virgilius: Georgicon IV 453–527**

"Non te nullius exercent numinis irae;  
 magna luis commissa: tibi has miserabilis Orpheus  
 haudquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant, 455  
 suscitatur et rapta graviter pro coniuge saevit.  
 Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,  
 immanem ante pedes hydrium moritura puella  
 servantem ripas alta non vidit in herba.  
 At chorus aequalis Dryadum clamore supremos 460  
 implerunt montes; flerunt Rhodopeiae arces  
 altaque Pangaea et Rhesi Mavortia tellus  
 atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.  
 Ipse cava solans aegrum testudine amorem  
 te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, 465  
 te veniente die, te decedente canebat.  
 Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,  
 et caligantem nigra formidine lucum  
 ingressus Manisque adiit regemque tremendum  
 nesciaque humanis precibus mansuescere corda. 470  
 At cantu commotae Erebi de sedibus imis  
 umbrae ibant tenues simulacraque luce carentum,  
 quam multa in foliis avium se milia condunt  
 Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,  
 matres atque viri defunctaque corpora vita 475  
 magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae  
 impositique rogis iuvenes ante ora parentum;  
 quos circum limus niger et deformis harundo  
 Cocyti tarda que palus inamabilis unda  
 alligat et noviens Styx interfusa coercet. 480  
 Quin ipsae stupuere domus atque intima Leti  
 Tartara caeruleosque implexae crinibus angues  
 Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora  
 atque Ixionii vento rota constitit orbis.  
 Iamque pedem referens casus evaserat omnis 485  
 redditaque Eurydice superas veniebat ad auras  
 pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem),  
 cum subita incautum dementia cepit amantem,  
 ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes. 490  
 Restitit Eurydicenque suam iam luce sub ipsa  
 immemor heu! victusque animi respexit. Ibi omnis  
 effusus labor atque immitis rupta tyranni  
 foedera, terque fragor stagnis auditus Averni.  
 Illa: 'Quis et me' inquit 'miseram et te perdidit, Orpheu,  
 quis tantus furor? En iterum crudelia retro 495  
 fata vocant, conditque natantia lumina somnus.

Iamque vale: feror ingenti circumdata nocte<sup>112</sup>  
 invalidasque tibi tendens, heu! non tua, palmas'.  
 Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras  
 commixtus tenuis, fugit diversa, neque illum, 500  
 prensantem nequiquam umbras et multa volentem  
 dicere, praeterea vidit; nec portitor Orci  
 amplius obiectam passus transire paludem.  
 Quid faceret? Quo se rapta bis coniuge ferret?  
 Quo fletu Manis, quae numina voce moveret? 505  
 Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.  
 Septem illum totos perhibent ex ordine mensis  
 rupe sub aera deserti ad Strymonis undam  
 flevisse et gelidis haec evoluisse sub antris  
 mulcentem tigris et agentem carmine quercus. 510  
 Qualis populea maerens Philomela sub umbra  
 amissos queritur fetus, quos durus arator  
 observans nido implumis detraxit; at illa  
 flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen  
 integrat et maestis late loca questibus implet. 515  
 Nulla Venus, non ulli animum flexere hymenaei.  
 Solus Hyperboreas glacies Tanaimque nivalem  
 arvaque Riphaeis nunquam viduata pruinis  
 lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis  
 dona querens; spretae Ciconum quo munere matres 520  
 inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi  
 discerptum latos iuvenem sparsere per agros.  
 Tum quoque marmorea caput a cervice revolsum  
 gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus  
 volveret, Eurydicen vox ipsa et frigida lingua 525  
 ah! miseram Eurydicen anima fugiente vocabat;  
 Eurydicen toto referebant flumine ripae".

<sup>112</sup> Trata-se aqui da continuação dos versos imediatamente anteriores. (N.E)

**Catulus: carmen 5**

Vivamus, mea Lesbia, atque amemus,  
rumoresque senum severiorum  
omnes unius aestimemus assis.  
Soles occidere et redire possunt;  
nobis cum semel occidit brevis lux,  
Da mi basia mille, deinde centum,  
dein mille altera, dein secunda centum,  
deinde usque altera mille, deinde centum.  
Dein, cum milia multa fecerimus,  
conturbabimus illa, ne sciamus,  
aut ne quis malus invidere possit,  
cum tantum sciat esse basiorum.

5

10

**Catulus: carmen 7**

Quaeris quot mihi basiationes  
tuae, Lesbia, sint satis superque.  
Quam magnus numerus Libyssae harenae  
lasarpiciferis iacet Cyrenis,  
oraclum Iovis inter aestuosi  
et Batti veteris sacrum sepulcrum,  
aut quam sidera multa, cum tacet nox,  
furtivos hominum vident amores,  
tam te basia multa basiare  
Vesano satis et super Catullo est,  
quae nec pernumerare curiosi  
possint nec mala fascinare lingua.

5

10



**Propertius: elegia I 1**

Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,  
 contactum nullis ante cupidinibus.  
 Tum mihi constantis deiecit lumina fastus  
 et caput impositis pressit Amor pedibus,  
 donec me docuit castas odisse puellas  
 improbus et nullo vivere consilio. 5  
 Et mihi iam toto furor hic non deficit anno,  
 cum tamen adversos cogor habere deos.  
 Milanion nullos fugiendo, Tulle, labores  
 saevitiam durae contudit Iasidos. 10  
 Nam modo Partheniis amens errabat in antris,  
 ibat et hirsutas ille videre feras;  
 ille etiam Hylaei percussus vulnere rami  
 saucius Arcadii rupibus ingemuit.  
 Ergo velocem potuit domuisse puellam:  
 tantum in amore preces et benefacta valent.  
 In me tardus Amor non ullas cogitat artis  
 nec meminit notas, ut prius, ire vias.  
 At vos, deductae quibus est fallacia lunae  
 et labor in magicis sacra piare focis,  
 en agedum dominae mentem convertite nostrae  
 et facite illa meo palleat ore magis. 20  
 Tunc ego crediderim vobis et sidera et amnis  
 posse Cytaines ducere carminibus.  
 Et vos, qui sero lapsum revocatis, amici,  
 quaerite non sani pectoris auxilia. 25  
 Fortiter et ferrum saevos patiemur et ignis,  
 sit modo libertas, quae velit ira, loqui.  
 Ferte per extremas gentis et ferte per undas,  
 qua non ulla meum femina norit iter. 30  
 Vos remanete, quibus facili deus annuit aure,  
 sitis et in tuto semper amore pares.  
 In me nostra Venus noctes exercet amaras  
 et nullo vacuus tempore deficit Amor.  
 Hoc, moneo, vitate malum: sua quemque moretur  
 cura neque assueto mutet amore locum. 35  
 Quod si quis monitis tardas adverterit aures,  
 heu! Referet quanto verba dolore mea.

**Iuvenalis: satira V 24–37**

Qualis cena tamen! Vinum quod sucida nolit  
 lana pati: de conviva Corybanta videbis. 25  
 Iurgia proludunt, sed mox et pocula torques  
 saucius et rubra deterges vulnere mappa,  
 inter uos quotiens libertorumque cohortem  
 pugna Saguntina fervet commissa lagona.  
 Ipse capillato diffusum consule potat  
 calcatamque tenet bellis socialibus uvam  
 cardiaco numquam cyathum missurus amico;  
 cras bibet Albanis aliquid de montibus aut de  
 Setinis, cuius patriam titulumque senectus  
 delevit multa veteris fuligine testae,  
 quale coronati Thrasea Helvidiusque bibebant  
 Brutorum et Cassi natalibus. [...] 35

## Referências

- ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de cultura, 4).
- AIRES DE GOUVEIA. In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [195-]. v.1, p. 684.
- ALORNA, Marquesa de. *Poesias*. Seleção, introdução e notas do prof. Hernani Cidade. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1960.
- BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de. *Antologia nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Paulo de Azevedo, 1965.
- BARRETO FEIO (JOSÉ VITORINO). In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [195-]. v. 4, p. 286.
- BARRETO, João Franco. *Eneida Portuguesa*. Com introdução, notas, atualização e estabelecimento do texto por Justino Mendes de Almeida. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1981.
- BARRETO (JOÃO FRANCO). In: GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [195-]. v. 4, p. 280.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: MEC, 1972.
- CATULLE. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- CATULLE. *Poesias*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: "Les Belles Lettres", 1949.
- COELHO, Jacinto do Prado; AMORA, Antônio Soares; CAL, Ernesto Guerra da (Org.). *Dicionário de literatura: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura gaiega, estilística literária*. 2 ed. Rio de Janeiro: Cia. brasileira de publicações, 1969. 2 v.
- CURTIUS, Ernst R. *European literature and the Latin middle ages*. Translated from the German by Willard R. Trask. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1973.
- ELÍSIO, Filinto. *Poesias*. Seleção, prefácio e notas de José Pereira Tavares. Lisboa: Sá da Costa, 1941.
- GOUVEIA, Antônio Aires de. *As elegias e os carmes de Tibulo e algumas elegias de Propércio e carmes fugitivos de Catulo*. Porto: Typ. da Empresa Litteraria e Typographica, 1912.
- GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. 5<sup>e</sup> ed. rev. et corr. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- HORACE. *Épîtres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

- JUVÉNAL. *Satires*. Texte établi par Pierre de Labriolle et François Villeneuve, émendé, présenté et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- LUCRÈCE. *De la nature*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1961. 2. v.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992. 7 v.
- MENDES, Manuel Odorico. *Íliada de Homero: em verso português*. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874.
- MESQUITA, Ary de (Org.). *Poesias*. Rio de Janeiro: Jackson, 1950. 2 v. (Clássicos Jackson, v. 38, 39).
- MONGE copista. Disponível em: <<http://img4.photobucket.com/albums/0603/arqueoblog/Copistaw.jpg>>. Acesso em: 3 de jun. 2008.
- NERI, Maria Luíza; NOVAK, Maria da Glória (Org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- OVIDE. *Les Métamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1957.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Excertos traduzidos por Bocage. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- PHÈDRE. *Fables*. Texte établi et traduit par Alice Brenot. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- PIGNATARI, Décio (Org.). *31 poetas, 214 poemas: do Rigveda a Safo e Apollinaire*. Uma antologia pessoal de poemas traduzidos, com notas e comentários de Décio Pignatari. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PROPERCE. *Élegies*. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris: Les Belles Lettres, 1947.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Org.). *Poesia grega e latina*. Seleção, notas e tradução direta do grego e do latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964.
- REBELO, Luís de Souza. *A tradição clássica na literatura portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 7. ed. rev. e aum. Santos: Martins Fontes, 1973.
- SÊNECA. *Medéia*. Tradução de Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].
- SÊNECA. *As Troianas*. Tradução, introdução e notas de Zelia A. Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIMÕES, Teotonio. Prefácio. In: MILTON, John. *Paraíso perdido*. Digitalização do livro em papel por eBooksBrasil, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html>>. Acesso em: 16 de maio de 2008.

THE LATIN Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>. Acesso em: 3 de jun. de 2008.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edição bilíngüe, trad. e comentário de Raimundo Carvalho. Tradução de Odorico Mendes em apêndice. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

VIRGÍLIO. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Introduction et notes de J.-P. Néraudeau. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Traduzida por José Vitorino Barreto Feio, edição organizada por Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIRGÍLIO. *Eneide*. Introduzione di Antonio La Penna, traduzione e note di Riccardo Scarcia. Milano: BUR, 2002.

VIRGÍLIO. *Geórgicas; Eneida*. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes; prefácio de Nelson Romero. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1949. (Clássicos Jackson, 3).

VIRGÍLIO. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

**v**  
**v v**  
**v v**  
**viva voz**